

Profa. Ms. Rosângela Paulino de Oliveira
Centro Universitário Nove de Julho – Uninove-SP

A fé que comunica e se faz festa

Trabalho apresentado ao NP17 – Folkcomunicação
Coordenador: Prof. Dr. Sebastião Geraldo Breguez (UFV-MG)

Resumo

Localizada no Município de Contagem, Minas Gerais, a Comunidade dos Arturos representa um dos grupos mais antigos e tradicionais de Congada de toda a Minas Gerais, e é responsável por um patrimônio ancestral de mais de 100 anos. São chamados Arturos por serem descendente de Arthur Camilo Silvério, filho do escravo Camilo Silvério que chegou em Minas Gerais, ao que tudo indica, no terceiro quartel do século XIX. A vida dos Arturos se traduz na fé e na festa, aprendidas com os ancestrais e de onde aprenderam a ver o mundo que os cerca. Estabelecem com a sociedade um sistema próprio de comunicação que está além da comunicação oficial da mídia de massa através dos símbolos sagrados, das vestimentas, do canto e da dança.

Palavras-chave

Arturos, congada, fé, festa, ancestralidade

Currículo

Profa. Ms. Rosângela Paulino de Oliveira, docente do curso de jornalismo do Centro Universitário Nove de Julho – Uninove, graduada em jornalismo pela FIAM, especialista em Teoria da Comunicação pela Cásper Líbero e mestre em Antropologia pela PUC-SP. Membro da ONG Católicas pelo Direito de Decidir – Projeto de Multiplicadoras.

e-mail: rose.paulino@uol.com.br

A fé que comunica e se faz festa

Localizada no Município de Contagem, Minas Gerais, a Comunidade dos Arturos representa um dos grupos mais antigos e tradicionais de Congada de toda a Minas Gerais, e é responsável por um patrimônio cultural ancestral de mais de 100 anos. São chamados Arturos por serem descendente de Arthur Camilo Silvério, filho do escravo Camilo Silvério que chegou em Minas Gerais, ao que tudo indica, no terceiro quartel do século XIX, no município de Contagem, onde através dos fiscais organizados em postos de contagem a Coroa Portuguesa controlava o comércio e tentava deter a ilegalidade na região.

Escravo que liberto constituiu família e legou-lhes a tradição da fé em Nossa Senhora do Rosário e nos santos pretos: São Benedito e Santa Efigênia. Religiosidade sincreticamente recheada de canto e dança, santos, pretos velhos, orixás, ancestrais e crianças, todos reverenciados nos rituais da Congada, Moçambique e Reisado. A vida dos Arturos se traduz na fé e na festa, aprendidas com os pais; com quem aprenderam a ver o mundo que os cerca.

A característica religiosa dos Arturos é a devoção à Senhora do Rosário e aos santos negros - - Santa Efigênia e São Benedito. Fé aprendida com os pais, que os ensinou a ver o mundo através das contas do Rosário sem, contudo, perder de vista os ensinamentos da antiga religião dos ancestrais. Carregam em si a responsabilidade e o orgulho de ser uma conta do Rosário de Nossa Senhora, metáfora assimilada por todos e cuidadosamente representada nos dias de festa, em que Congo e Moçambique se entrelaçam sem deixar quebrar a corrente que se forma. Nesses dias, as brigas e intrigas são deixadas de lado para formarem uma unidade na fé, expressão que comumente ouvimos dos dançantes: *Quando estamos aqui, não importa se estamos brigados, isso é lá fora. Aqui dentro do Rosário estamos dançando para Nossa Senhora e somos as contas do rosário dela. Se um deixar o rosário quebrar, todo mundo padece junto.*

Roberto da Matta (1979) nos diz que a dramatização nesses rituais faz surgirem novos significados e as seqüências de comportamento são ampliadas ou interrompidas. Podemos perceber o drama ali presente, mas há também a possibilidade de uma nova relação, da superação desses conflitos. C.Geertz (1989), afirma que:

Na crença e na prática religiosa, o ethos de um grupo torna-se intelectualmente compreensível porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto a visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida.

Apesar de há mais de cem anos os Arturos permanecem unidos em torno dessa herança familiar os Arturos ainda são quase invisíveis para a sociedade abrangente, continuam marginalizados. Em contraposição, em toda a Minas Gerais são um exemplo de unidade aglutinadora da vida comunitária, residem num espaço comum onde se sentem seguros, abençoados, irmanados e mais próximos do sagrado. Sagrado que é celebrado e alimenta a todos, tanto do interior quanto no exterior da comunidade. Sagrado que hierarquiza a relação familiar e restaura o parentesco iniciado no tempo da escravidão.

Os filhos de Arthur Camilo Sivério ocupam dentro da hierarquia religiosa da congada os cargos de comando: O filho mais velho Mário Braz da Luz é o Capitão-Mór; Antonio Maria da Silva é o Capitão Regente; Conceição Natalícia da Silva - Rainha do Império; Juventina de Paula Lima - Rainha Conga da comunidade e de Contagem; Maria do Rosário da Silva, - Rainha Perpétua, Izaíra Maria da Silva - Rainha 13 de Maio; Joaquim Bonifácio da Silva, - Primeiro Capitão do Moçambique. Seus filhos e netos são capitães, dançantes, reis e rainhas, caixeiros, fiscais, fogueteiros.

Há uma linguagem simbólica muito forte nos grupos que diferencia a guarda do Moçambique da guarda do Congo: a música, a dança, a vestimenta, que vai comunicar a todos o lugar de cada pessoa dentro do ritual, função de cada um dos grupos e a hierarquia de poder conforme segue:

Congo – Seu canto representa a alegria, a festa. É ele quem narra, através do canto e da dança o mito que conta como Nossa Senhora saiu das águas. É quem puxa o Moçambique saltitando pelas ruas da cidade com sua roupa verde e rosa, representando galhos e flores que jogaram pelas ruas para a passagem da santa. Os dançantes usam capacete com fitas coloridas, saia franzida e tem como símbolo a espada, pois os congos são os marinheiros de guerra que ao dançar imitam o balanço do mar e guerreiam para dar passagem a santa de devoção. A maioria dos dançantes são mulheres e crianças.

Moçambique - Seu canto é mais lento, pausado, refere-se ao passado distante, às histórias dos antepassados e às lembranças de África. É ele que conduz o trono coroado e conta com seu canto e dança a história do duelo que os escravos travaram com seus senhores para conseguir retirar a santa das águas. Com sua caminhada lenta imita o movimento do pilão que soca a terra, numa dança sempre vertical, confluindo céu e terra. Veste roupa azul e branca, como manto da santa e um lenço na cabeça. Seu símbolo é o bastão, como um cetro, e carrega nos pés a gunga, uma correia com latinhas amarrada no tornozelo que funciona como chocalho, símbolo dos grilhões da escravidão. Diferentemente do Congo, seu canto é todo improvisado, usa a memória e a criatividade de cada capitão. Juntos, Congo e Moçambique formam a ingoma dos antepassados: a família que canta, dança e reza junto.

Irmanados na festa

A festa é para os Arturos a característica básica de sua existência enquanto grupo, é o laço que os une como membros de uma mesma família e comunidade de fé. Estar em festa significa retornar às origens, aos caminhos míticos dos ancestrais, e reavivar os ritos iniciados por eles. É na festa que cada membro da família assume seu lugar na grande corrente como contas que formam o Rosário de Nossa Senhora. Ao compor este Rosário, rompem as fronteiras entre passado e presente, retornam às origens e abrem as portas para que os ancestrais atravessem o espaço e juntos recriem esse momento de sacralização da vida. Percorrem juntos os caminhos ancestrais e retornam à grande família negra na Terra-Mãe. Fazem do canto e da dança, acompanhado do toque dos tambores, a linguagem que

transmite suas alegrias e necessidades ao Criador, conforme exterioriza Gomes e Pereira (2000):

A história da dança sagrada se perde nos tempos: o homem que buscava falar ao Criador moveu o corpo e alma para alcançá-lo. Rezar a Deus é uma etapa posterior, quando o homem já havia adquirido a função da linguagem. Antes a linguagem gestual utilizava a totalidade da energia - - corpórea e psíquica - - para encontrar o ponto de união com o Cosmos.(p.214)

Cantar e dançar juntos funda um novo tempo para os Arturos, tempo de grande união celebração do sagrado que é reincorporado e reavivado pela coletividade. Tempo de suspensão com o cotidiano e que revela a intimidade da família com um universo que só eles conhecem e dominam, onde entram em comunhão com os primeiros familiares, os nascidos aqui e os vindos da sonhada e desconhecida África, que na fala dos filhos de Arthur Camilo se transforma na “Terra de vovô”.

Essa imagem de África que os Arturos têm, da terra do avô, é uma imagem mítica, povoada pelas histórias contadas pelos antepassados e ilustrada por sua própria imaginação. Nenhum deles sabe exatamente onde se localiza a África ou qualquer história atual sobre ela. Falam de Aruanda, de onde veio “nego véio”, como sendo o lar dos sábios, lugar de rara beleza e berço da tradição que hoje preservam. É essa África, é Aruanda que está em seu canto, em sua dança, em seus segredos. É a terra onde se encontram seus parentes distantes. Recusam-se a enxergar uma África vasta, com outros lugares e histórias, como conta uma capitã sobre a visita de alguns missionários africanos à comunidade:

O padre Geraldo ligou avisando que uns africanos estavam visitando a paróquia e se poderia trazê-los para nos conhecer. Claro que concordamos. Juntamos a mulherada para preparar biscoitos para recebê-los. No outro dia, quando eles chegaram, eram uns cinco, parecia que era gente da gente mesmo. Pretinhos como nós, com a mesma cara e o sorriso largo. Foi uma festa só. Eles também se acharam parecidos conosco, alguns até choraram e disseram que estar na comunidade era como estar na aldeia deles. Não me lembro o nome do lugar, mas acho que eles se sentiram lá em Aruanda mesmo. Até a gente se sentiu assim. Eles tocaram caixa, cantaram e dançaram. Agora eu sei que realmente aprendemos muito do que sabemos e fazemos com eles. Foi muito bom.

Esse tipo de acontecimento reforça o sentimento de pertença dos Arturos. Eles se sentem mais fortes e irmanados. A presença dos africanos confirma o elo da família com a

Terra Mãe e a história dos ancestrais ganha força e vida entre eles. O que era mítico passa a ser verdadeiro. Está ali, nos rostos negros e nas lágrimas derramadas para todos que quiserem ver. Ainda que muitos não vejam, não importa, essa certeza ficou para sempre registrada em suas memórias e aparecerá nas festas, na alegria de poder dançar a confirmação de uma história vivida.

As festas rompem com o cotidiano e estabelecem um novo tempo para a comunidade. Elas dividem-se em internas e externas. As festas internas, em que todos se sentem mais à vontade, em que podem livremente deixar-se incorporar pela força ancestral, ocorre no interior da comunidade, espaço consagrado pelos antepassados. São as festas familiares, o Batuque, o Candombe e o João do Mato. As externas realizam-se com as saídas em cortejo pelas ruas do bairro, onde os Arturos comunicam-se com a sociedade que no dia-a-dia mal os enxerga. São: a Festa da Libertação dos Escravos, a de Nossa Senhora do Rosário e a Folia de Reis.

As festas são ansiosamente aguardadas por todos os membros da família. Seu anúncio é feito por um mastro que cerimoniosamente é levantado como símbolo sagrado, tendo no alto a bandeira com a imagem de uma coroa e um bastão, símbolos do reinado de Nossa Senhora. É o chamado “mastro de aviso”, que sobe nove dias antes da grande festa para anunciar que um novo tempo foi instaurado naquele espaço, tempo de reinado de Nossa Senhora. Tempo de reinado, é tempo de paz. Ao levantar o mastro os negros corpos balançam à sua volta batendo os pés como querendo entrar, junto com sua base, terra adentro, e ao mesmo tempo conectar-se com as três dimensões do universo que o mastro interliga: o mundo dos mortos, o espaço terreno e céu, girando num incessante canto, convocando vivos e mortos a reinar:

*Suba pelo céu, ó meu Deus,
suba pela glória meu Deus,
suba pelo céu, ó meu Deus,
suba pela glória meu Deus*

O mastro é o que caracteriza o centro energético da festa, por isso ele é levantado no que consideram o centro do terreiro. É em torno dele que se dança e se recriam as reuniões

e festividades dos primórdios, a busca de integração com o Cosmos. É ele quem fará a ligação entre o visível e o invisível. Ele representa o elo de ligação entre os três mundos que nos cercam: a base, no subsolo, conecta-se ao reino dos mortos, o centro, ao espaço terreno - - dos vivos, e a ponta, atinge o espaço celeste - - o reino sagrado de Zambi e seus santos. Todos juntos, assim conectados, farão desses nove dias, o tempo de recriar o mundo que os cerca e fortalecer os laços que os ligam aos ancestrais.

Segundo Eliade (s.d), vários povos e culturas buscam para si algo que representa o centro do mundo, numa repetição constante da cosmogonia. Seja uma montanha sagrada ou um templo ou palácios, todos buscam algo que simbolize um ponto de encontro entre o céu, a terra e o inferno. Os mastros representam o centro sagrado, a zona da realidade absoluta que sobreviveu no mundo ocidental até hoje, num ato preeminentemente divino. O mesmo autor diz que: “... *O Universo é concebido como algo que se espalha a partir de um ponto central. A criação do homem, que responde à cosmogonia, também teria acontecido em um ponto central, no centro do mundo*”. (p. 26)

É a partir da crença de que a vida é recriada ao redor daquele que simboliza o centro do mundo, o mastro, que os Arturos se conectam com o sagrado que se manifesta no período festivo.

Del Priore (1994) destaca que o uso de estandartes e o levantamento de mastro nas festas remontam ao século XVI. Na Bahia, em 1718, o conde de Vila Verde determina que se levante um mastro pintado de branco e carmesim e coroado de uma grinalda dourada ao seu primogênito. Em Pernambuco, em 1745, os pardos da Irmandade de Nossa Senhora do Livramento, nos festejos do padroeiro São Gonçalo, solenemente soerguem oito mastros, todos ricamente pintados de verde e enfeitados com bandeira de santos a tremular no vento.

Cascudo (1954) irá além ao afirmar que o Brasil conservou a tradição dos mastros principalmente nas festas de São João, onde ele exerce função votiva, mas outras tradições da cultura popular também faziam uso desse elemento votivo. Onde o mastro representava uma reminiscência do culto agrário e tinha significações mágicas. Em alguns lugares do

Brasil era comum plantar uma árvore junto ao mastro e colocar nela os frutos da terra, que eram todos queimados no último dia dos festejos e as cinzas guardadas. Representava a possibilidade de se fazerem súplicas e votos no exato momento em que se socava a terra à sua volta. Os Arturos, no momento de socar a terra para firmar o mastro ao chão, acendem velas à sua volta para iluminá-lo e iluminar a passagem dessa energia cósmica que se dará entre as três dimensões do universo. Momento acompanhado pelos reis, rainhas e capitães que o tocam com seus bastões e rosários para firmá-lo e prepará-lo para se tornar esse elo mágico.

Ao acompanhar este ritual a impressão que se tem é que a terra gira e a batida dos pés no chão parece aumentar o retumbar dos tambores provocando uma onda energética quase visível. Durante vários minutos os participantes são envolvidos por este momento de pura magia e sinergia. Por isso é importante que todos estejam unidos numa só intenção. A família sente e sabe que só conseguirá atingir o ápice da festa se se tornar uma, se deixar de ser nove, dez, para ser os Arturos.

Para os Arturos os mastros marcam espaços trilhados pelos ancestrais tanto no espaço interno quanto no externo. Nos dias de festa, no espaço interno, além do centro, são levantados em pontos sagrados, como a porta da capela e em frente à casa de capitães, principalmente junto à casa de algum mestre que já morreu, quando acreditam que sua energia seja toda transportada para o mastro e dali para a família e demais integrantes do grupo, crença presente nas religiões de matriz africana que acreditam que a energia do morto volta para o grupo. No externo nos locais que consagraram na cidade: na igreja de Nossa Senhora do Rosário e na Casa de Cultura de Contagem - - na Praça Josias Belém, em homenagem ao babalaô José Aristides, considerado o fundador das Congadas de Minas Gerais e mestre reverenciado por todos os congadeiros.

Os mastros de bandeira caracterizam-se com os grandes comunicadores. Eles fazem as vezes de mediador entre as congadeiros e a população. Ao ver um mastro de levantado com o estandarte de um santo, sabe-se que a comunidade de congado do local está em festa. Todos sabem que no final de semana verão desde o amanhecer congadeiros em cortejo

pelas ruas cantando e dançando. Sabem que a missa daquele final de semana será diferente, que haverá a presença do grupo fardado e com seus tambores. Os visitantes sabem que podem chegar na comunidade que serão bem acolhidos e participarão dos festejos, pois a bandeira anuncia que é dia de festa.

Um outro elemento de comunicação são os fogos de artifícios. São eles quem convocam as pessoas para se reunir e dar início as festividades. Quando ouvem os fogos as pessoas sabem que é hora de acordar, de se reunir, que é hora de celebrar. No decorrer da festa sabem que é hora de almoçar ou de retornar as atividades. Principalmente na Matina, às 4 horas da manhã, são os fogos de artifício que anunciam que é hora de levantar e juntar-se a Zambi, que é hora sagrada. Mesmo os visitantes com seus ouvidos atentos sabem que quando ouvem o trovoar dos fogos é porque algo de importante está acontecendo, é uma convocatória.

Tanto os fogos de artifício quanto os mastros de bandeira funcionam enquanto elemento comunicador, mais que qualquer papel. São símbolos presentes na história das comunidades que tem significado para os participantes das congadas e mesmo para os outros membros da sociedade. São símbolos que dialogam com a massa e garantem a repercussão das festividades. Ao terminar o ciclo de festas os mastros e bandeiras são cerimoniosamente retirados e guardados, pois já cumpriram sua função.

A devoção a Nossa Senhora do Rosário

A festa de Nossa Senhora do Rosário tem sua origem na Europa e de lá é transportada para o novo mundo na bagagem dos conquistadores. São os missionários dominicanos que levam a santa à África e impõem seu culto aos negros africanos, que num processo de adaptação acrescentam à festa traços de sua própria cultura, como expõe Bastide:

O culto de Nossa Senhora do Rosário fora criado por São Domingos de Gusmão, mas estava fora de moda, sendo restabelecido justamente na época em que os dominicanos enviaram seus primeiros missionários para a África; daí, sua introdução e generalização progressiva no grupo de negros escravizados. Estes fatos bem indicam que o culto de santos negros ou de Virgens negras foi, de início,

imposto de fora ao africano, como uma etapa de cristianização; e que foi considerado pelo senhor branco como um meio de controle social, um instrumento de submissão para o escravo. (Bastide, 1985: 163)

No Brasil, há uma continuidade neste processo que transforma a festa em devoção à santa em um grande diálogo com o Criador através da dança do Congo e do Moçambique. Gomes e Pereira destacam que o acréscimo dos elementos de coroação de reis, lutas e bailados guerreiros é uma contribuição africana, numa rememoração das práticas trazidas da própria África. O mito da devoção à santa não é de todo inspirado no modelo europeu, mas no europeu que foi resignificado já em África, quando a santa branca já assume características negras, de protetora dos negros.

Gomes e Pereira (2000) foram quem mais explorou os aspectos míticos da religiosidade dos Arturos, descrevem que:

As festas dos Arturos estão inseridas nos limites dos cultos católicos. Vistas em sua profundidade, revelam um mergulho nos mananciais míticos dos antepassados que não se deixaram vencer pela imposição de valores religiosos opressores. O tenor ao fundamento da Comunidade traduz-se como o movimento de sua unidade, atestando a resistência da cultura negra em Minas Gerais. Os Arturos restauram a solidariedade atribuída ao negro pela ideologia dominante.(p.151)

Os Arturos receberam dos pais essa devoção à Grande Mãe, a Senhora do Rosário que se fez presença amorosa no meio dos negros ao aparecer nas águas do mar. A dança do Congo e do Moçambique é a representação máxima dessa crença, seja pelos cantos e pela dança, como também pelo vestuário. Congo e Moçambique, a cada festa, reavivam o mito que conta como Nossa Senhora do Rosário sai das águas do mar para proteger os negros. Para a sociedade abrangente parece ser somente canto e dança folclórica, mas para seus integrantes é a representatividade de uma herança histórica que fortaleceu os antepassados e que os fortalece e mantém unidos ainda hoje.

Todos os membros da família, ao toque do tambor e dos fogos de artifício, atendem ao chamado dos mais velhos e sobem para a capela para dar início ao tempo de reinado. Ao ouvirem este chamado, encerram qualquer discórdia que os separa e unem-se, cada qual na

sua guarda, para recompor este tempo mítico e louvar. Cantam e encantam na linguagem dos antigos e do presente que se faz história. Superam as dificuldades, as dores do racismo, das parcas condições de vida, da desarmonia familiar e tornam-se um, tornam-se os Arturos. A Deusa, conforme encontramos em Nicholson (1993), assume o seu lugar de destaque no curso das vidas e da própria história. É o princípio feminino que assume o seu lugar na condução das forças do Universo. A memória é a condutora de toda a festividade. Através do canto e da dança contam a história dos antepassados desde África, lembrando as intempéries sofridas no tempo de cativo e os desafios do pós-escravidão. Não há linearidade no tempo, vão e voltam na história ligando passado e presente como uma colcha de retalhos que vai se compondo com a ajuda de várias pessoas. Já não importa com quem aconteceu a história ali narrada, em que ano se deu, ou quem a contou: é a história de todos eles e de todos os negros do Brasil que é reconstruída, que sai do subterrâneo, conforme Pollak (1989), e ganha as ruas, se torna pública. Muitos ainda resistem a esta história e por vezes, talvez numa tentativa de enclausurar esta memória, símbolo da pressão do passado e do presente, já reclamam ao poder público que o “barulho” que os Arturos fazem na rua atrapalha as famílias. Sendo que as festas acontecem somente três vezes ao ano e eles saem às ruas durante dois ou três dias a cada festa.

Pode-se dizer que os Arturos vivem duas realidades, transitando entre o sagrado e o profano. No cotidiano são trabalhadores de uma classe desprestigiada, alijados do poder pela pouca educação, moram em residências pobres, sofrem todo tipo de necessidades e passam despercebidos pela multidão; nas festas transfiguram-se em filhos do Rosário e se fazem inteiros, eternos, entram em comunhão com o Cosmos, com a terra mãe, como costumam dizer fazendo referência à África mítica ou "a terra de papai"¹. São os portadores do sagrado. Deixam de ser um, o trabalhador braçal, para serem a coletividade, serem os Arturos. Por isso se unem, por isso esquecem o que os separa e dão-se as mãos.

O diálogo que estabelecem com a sociedade é cada dia menos ouvido, mas nem por isso perde a sua autenticidade. Não há como ignorar a grande massa negra que sai as ruas vestida com roupas coloridas, tocando tambores, carregando seus estandartes, andores,

¹ Terra de Arthur Camilo Silvério, que foi o primeiro proprietário das terras desses diversos “povos”.

cantando e dançando. Apesar de permanecerem no mesmo bairro há mais de cem anos, muitos dos moradores nunca entram na comunidade para participar da festa de perto e ficam embevecidos com o cortejo pela rua ano após ano, assistem a tudo como um desfile de carnaval. Os telejornais anunciam a festa no jornal do dia, pois o horário nobre é nobre. Os principais jornais impressos soltam uma matéria ou outro porque sempre há a presença do prefeito ou de algum político que passa para prestigiar a festa e “dar seu apoio”, falar da importância de se manter a tradição da cidade. Mas são realmente os símbolos da própria comunidade que estabelecem o grande canal de comunicação. Além dos mastros e dos fogos, os programas impressos, os cartazes e o boca a boca.

CONCLUSÃO

Apesar dos muitos estudos que já publicados sobre a Comunidade Negra dos Arturos, após a realização de mais este, constatamos que a comunidade ainda se revela como uma fonte riquíssima de pesquisa, devido tanto a sua história de resistência quanto aos vários aspectos das manifestações cultural e religiosa que preservam há mais de cem anos.

Os Arturos, mesmo com o desenvolvimento social e urbano de Contagem, cidade onde moram, e que vem ganhando status como pólo industrial em ascensão, constituem uma comunidade que de certa forma ainda vive isolada, fechada nos valores e mitos criados dentro das porteiras que os cerca, cuja preocupação maior é manter as tradições herdadas dos antepassados e cuidar uns dos outros. Encerram-se nesse quadro espacial e tentam resistir às rápidas mudanças por não se sentirem preparados para encarar o mundo lá fora devido a pouca qualificação de seus membros e o medo de se afastar da segurança que a família lhes oferece. Se por um lado isso é bom, pois os mantém irmanados no cotidiano e na fé, por outro também tem seu lado perverso, pois sendo as sociedades modernas sociedades de mudanças constantes, rápidas e permanente eles ficam aquém dessa relação de desenvolvimento e crescimento que a cidade se encontra e acabam por manter um vínculo tão estreito entre seus membros que naturalizam as desigualdades sociais e de oportunidades a que estão sujeitos. Verdade explícita no depoimento de homens e

mulheres Arturos quando falam dos seus sonhos e esperanças, das expectativas que têm em relação aos filhos no que se refere principalmente ao trabalho e educação.

Apesar de adotarem o discurso da resistência, na tentativa de manter as tradições como receberam dos ancestrais, a descontinuidade é cada vez mais intensa. Vivem um momento pelo qual passa a maioria das culturas tradicionais, que se vêem ameaçadas, intimidadas, fragilizadas e impotentes diante do crescimento acelerado da sociedade e não conseguem dar respostas rápidas que os sustente e não deixe desmoronar o que já foi edificado. A tensão entre o passado que dita as regras de convivência e o futuro que ameaça faz com que os Arturos superem as rivalidades familiares, intensificadas pela disputa de poder, e unam-se em torno da festa como uma tábua de salvação. A cada ano celebram as duas principais festas, – Festa da Libertação, em maio e Festa de Nossa Senhora do Rosário, em outubro – como se fossem as últimas. O que as tornam especiais, viram momentos de grande elegia a vida, onde cantam, dançam, celebram com a força e magia ancestral como se dela se despedissem. A festa faz com que tenham visibilidade, que sejam vistos pela sociedade como alguém importante, sábios, que sejam respeitados. Quebram as barreiras do preconceito, da indiferença. Homens, mulheres e crianças nos momentos festivos sentem-se incluídos na sociedade e até invejados. Essa ruptura com o cotidiano os fortalece e ajuda a enfrentar os desafios que encontram. Vestir a farda do Congo e do Moçambique significa tornar-se arueira, árvore forte, e sagrada capaz de suportar as dores sem se dobrar.

Por isso acredito que a Comunidade dos Arturos ainda resistirá por muitos anos aos desafios que lhes são impostos. Eles são festa, fé, religião, união. As brigas que alimentam no dia-a-dia é o que lhes dá motivo para festejarem sempre. Se elas não estivessem presentes talvez não celebrassem a união com tanta força. União em torno do sagrado que é feminino manifestado nos tambores do Candombe, na fé na Senhora do Rosário e nos mitos que alimentam as crenças. Feminino que cuida, que cura, que restaura. Crença de origem bantu que se perpetua como outros rituais da mesma origem como o Candomblé. Feminino que se fez festa e encarnou como força protetora nas pessoas e ganhou as casas, as praças e as ruas com o nome carinhoso de Mamãe do Rosário.

BIBLIOGRAFIA

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. Contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações. Tradução de Maria Heloisa Capellato e Olívia Kräunhembühl. 2ª ed. e ampl. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1959.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O Divino, o Santo e a Senhora*. Rio de Janeiro: MEC/DAC/FUNARTE, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

CARVALHO, Hernani de . *No mundo maravilhoso do folclore*. Rio de Janeiro: Tipografia Baptista de Souza, 1966.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro, 1954.

DEL PRIORE, Mary. *Festas e Utopias no Brasil Colônia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

FONSECA, Geraldo. *Contagem perante a História*. Contagem: Edição da Assessoria de Imprensa e Relações Públicas da Prefeitura Municipal de Contagem, 1978.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães & PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Negras Raízes Mineiras: Os Arturos*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2000.

_____. *Mundo encaixado: significação da cultura popular*. Belo Horizonte: Mazza Edições; Juiz de Fora: UFJF, 1992.

HALL, Stuart. *A identidade na pós-modernidade*: tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 5. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

POLLAK, Michael. *“Memória, Esquecimento, Silêncio”*. In: Estudos Históricos vol. 2, Vértice: Rio de Janeiro, 1989.

RABAÇAL, Alfredo João. *As congadas no Brasil*. São Paulo: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Cultura, 1976.

RAMOS, Arthur. *A Aculturação Negra no Brasil*. BPB – Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série 5ª. – vol. 224. São Paulo – Rio de Janeiro – Recife – Porto Alegre: 1942.

TINHORÃO, José Ramos. *As festas no Brasil colonial*. – São Paulo: Ed. 34, 2000.